

5.1. O ser humano é um sujeito histórico por fazer parte da natureza. É como interage com ela, o homem se torna sujeito criando valor, qualificando o que é bom do que não é. Ou seja, ao criar valor, o homem busca objetivos e busca alcançá-los por meio de uma atividade que Marx (1972, p. 202) denomina de trabalho. E neste sentido Porto (2009) afirma que a criança tem que querer aprender, cabendo à escola o desafio de despertar este querer.

Assim, a orientação educacional assume um importante papel, uma vez que, como Schmidt e Pereira (1969, p. 71) apontam, que a orientação educacional ajuda o estudante a se conscientizar sobre os seus valores e dificuldades. Esta comunicação poderá ser realizada por meio de sessões de orientação e de aconselhamento, seja em momentos individuais ou em grupo. Outra estratégia importante também é a realização de projetos que não ao encontro das necessidades do estudante, bem como da comunidade escolar.

Tais ações permitiriam com que a relação pedagógica não se tornasse um processo vazio, como criticado por Arroyo (1988). Assim, partiriam das desigualdades oriundas da realidade social, em seguida, seriam desenvolvidos processos pedagógicos que, ao final, efetivamente, garantissem o acesso "democrático ao conhecimento na sua mais elevada universalidade." (Brigotto, 2012, p. 272)

5.2 A orientação educacional surge tendo como foco a orientação vocacional ou profissional, assim tendo, ou melhor, desenvolvendo um trabalho mais atrelado ao cotidiano.

No decorrer da história da orientação educacional, Luck (2015) aponta que era cada vez mais comum o encaminhamento, pelo professor, dos estudantes considerados "problemáticos". Fato, que na perspectiva da autoria, fazia com que o professor não fizesse uso de sua autoridade e consequentemente restringia o trabalho da orientação educacional aos estudantes considerados problemáticos. Contrapondo-se a este estigma, Luck aponta que a orientação educacional deve desenvolver um trabalho de modo a assistir aos professores, às famílias e às pessoas com as quais os estudantes mantêm contatos significativos. Assim, a orientação educacional ajudará estes grupos a entenderem e atenderem às necessidades dos estudantes, seja nos aspectos cognitivos e psicomotores, seja, digamos, seja nos afetivos. Deste modo, o diálogo entre o orientador e demais profissionais poderá se dar por meio das reuniões pedagógicas, grupos de estudos, conselho de classe, dentre outros.

Diante disso, podemos considerar a importância de uma relação não apenas integrada, mas integradora que deve pautar-se em atitudes e defetivos comuns, o que irá estabelecer condições para o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

5.3. De acordo com o que Romualdo Oliveira (2007, p.663,669) afirma, no período de 1975 a 2002 "... praticamente universalizou-se o atendimento de toda a população do Ensino Fundamental. Além disso, durante a década de 1990, foi reincorporada parcela substancial de alunos anteriormente excluídos ou que não haviam, ainda, ingressado no sistema escolar." Fato que contribuiu para a ampliação da heterogeneidade na instituição escolar.

Elvira Benzeval (1986 p.383) aprofunda esta questão ao indicar que a contínua extensão das oportunidades de acesso à escola, o que ele considera como processo de democratização do ensino, seria contribuir para que "(...) o antigo ensino criado e organizado para atender às necessidades de minorias privilegiadas venha sendo substituído por um novo sistema de ensino relativamente aberto no plano formal e, pelo menos, tendencialmente, acessível à maioria da população." Neste sentido, o CAP/UF RJ vem traçando algumas ações que vão deste, digamos, desde a forma de acesso do estudante, como por exemplo as reformulações do edital do processo seletivo do curso discente ao longo dos anos, passando pelo acompanhamento desse estudante no decorrer de sua vida escolar até a sua finalização.

No decorrer da vida escolar do estudante, a escola, como indica a LDB 9394/96 deve garantir o direito de aprendizagem dos

estudantes além de sua permanência na escola. Deste modo a escola deve construir estratégias de trabalho que permitam a articulação entre os profissionais da instituição, bem como da escola com a família, uma vez que o estudante é um sujeito que apresenta diferentes dimensões que "emvolvem sua vida corpórea, material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicomotor, afetivo, ético e lúdico." (Briçotto, 2012, p. 265).

Logo, a escola não é o único ambiente responsável pela formação do sujeito e a compreensão desse sujeito em seus diferentes aspectos. Por isso, a articulação com a família via família à escola, subsídios para compreender e tratar esse estudante. As estratégias criadas neste sentido poderão ser as seguintes: reunião de início do ano letivo com vistas à apresentação da proposta da escola, bem como suas normas, critérios de avaliação, entre outros. Além disso, neste primeiro momento será importante a apresentação de cada conteúdo disciplinar e o modo como serão trabalhados; encontros individuais com as famílias para serem tratadas questões particulares a respeito de um estudante específico; reunião ao término de cada período letivo para apresentação do rendimento escolar, indicando os resultados esperados e os alcançados ou não; reunião ao término do ano letivo para apresentação dos re-

*Shayma*

resultados finais. Essa reunião também poderá ser ampliada, não se restringindo apenas ao rendimento escolar. Mas, também poderá ser um momento em que a comunidade escolar avaliará todas as ações da escola projetadas para aquele ano e pontuar algumas ações para o ano seguinte.

Deve destacar que cada uma das estratégias simplificadoras não contribuem para que a escola pense e repense, ou seja, avalie se suas ações estão garantindo a aprendizagem discente e sua permanência na escola ou contribuindo para a sua exclusão.